

**NO EMARANHADO DE MEMÓRIAS E AVENTURAS:  
UMA ANÁLISE DA NARRATIVA  
DE GAVIÃO VAQUEIRO DE ASSIS BRASIL**

*Lilian Castelo Branco de Lima* (UEMASUL)

[li\\_castelo@hotmail.com](mailto:li_castelo@hotmail.com)

*Mônica Assunção Mourão* (UEMASUL)

[monicamourao\\_15@hotmail.com](mailto:monicamourao_15@hotmail.com)

*Walquíria Lima da Costa* (UEMASUL)

[wallico36@gmail.com](mailto:wallico36@gmail.com)

**RESUMO**

O presente trabalho toma como objeto de estudo a obra “Gavião Vaqueiro: O bom ladrão da floresta”, que é a mais recente aventura do vaqueiro ecologista, personagem de mais de vinte histórias que tratam da relação homem x natureza. Sendo uma das narrativas que mais agrada ao seu escritor – o piauiense Francisco de Assis Almeida Brasil. A base teórica utilizada neste artigo centra-se, principalmente, nas idéias propostas por Maurice Halbwachs (2006) e Ecléa Bosí (2002, 2004), entre outros nomes, pelo fato destes estudiosos discutirem a temática da memória e seus quadros sociais, este embasamento se justifica por se buscar, nesta pesquisa, evidenciar a forma com que a memória se determina como fio condutor da referida narrativa. Toma-se ainda como suporte teórico os estudos sobre a simbologia (LEXICON, 2002), (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009), que auxiliam a conduzir a análise neste passear pelo contado e lembrado e não pela linearidade do vivido, seguindo os passos de um Gavião aventureiro apreende-se que a história é arquitetada tendo como base as memórias dos personagens, cujas lembranças e esquecimentos vão preenchendo vazios e fazem a obra romper com a linearidade no tempo e espaço.

**Palavras-chave:**

Memória. Mistério. Narrativa. Assis Brasil.

**ABSTRACT**

This paper takes as an object of study the text *Gavião Vaqueiro: O bom ladrão da floresta*, which is the latest adventure of the cowboy environmentalist, a character of more than twenty stories that deals with the relation man vs. nature, as one of the narratives that most pleases its writer – Francisco de Assis Almeida Brasil. The theoretical basis used in this article focuses mainly on the ideas proposed by Maurice Halbwachs (2006) and Ecléa Bosí (2002, 2004), among other names, because these scholars discuss the theme of memory and its social contexts, this basement is justified because we seek, in this research, highlight the way the memory is determined as a thread of the narrative analyzed. We still take, as theoretical support, studies about the symbolism (LEXICON, 2002), (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009), which helped to conduct the analysis in this walk around what is told and remembered (or not) by the linearity of what is lived, in the footsteps of an adventurous Hawk, it can be learned that the

story is architected based on the memories of the characters, whose minds and forgetfulness fill voids and do the work break the linearity in time and space.

**Keywords:**

**Memory. Narrative. Mystery. Assis Brazil.**

### **1. *Sobrevoando a narrativa do gavião***

Um homem, muitos bichos, uma natureza fascinante, um mistério. Gavião, um vaqueiro ecologista, de muitas histórias, quer reencontrar o amor que deixou na floresta, quer reaver seu instrumento de luta e coragem: o punhal-estrela. Como pano de fundo para essa história de memórias e aventuras tem-se a floresta da região de Mato Grosso e o rio Araguaia, com seus mistérios e seus encantos. Uma narrativa que conduz o leitor a ir organizando dados que vão sendo construídos página por página. Entretanto, a história não segue uma ordem cronológica, pois o farol norteador das ações do Gavião aventureiro são as lembranças que seu passado o impõe.

Dessa forma, analisaremos o texto “Gavião Vaqueiro: o bom ladrão da floresta”, de Assis Brasil, conduzidos pelos estudos sobre a memória, principalmente empreendidos por Maurice Halbwachs (2006) e Ecléa Bosi (2002; 2004), estudiosa que tem como base para suas reflexões os pressupostos de Halbwachs. Estes teóricos apontam a memória como um fenômeno estabelecido na prática social, com sua (re)significação possível somente no contexto das vivências de cada sociedade, não apenas um recontar, mas um reviver que influencia em outros viveres de forma determinante.

### **2. *O caleidoscópio da memória***

Os estudos sobre a memória, no qual está imbricada a discussão sobre o tempo, atravessaram várias gerações de pesquisadores, de diversas áreas disciplinares, que buscam investigar as formas com que somos moldados pelo passado, quer seja individual ou coletivamente.

No percurso histórico dos estudos sobre a temática, temos contribuições de diversas áreas, entre elas: da filosofia e a psicologia, entre outros nomes, nas figuras de Henri Bergson (1859–1941) e Sigmund Freud (1856–1939), da sociologia, com maior ênfase, nos postulados de Emile Durkheim (1858–1917) e de muitos historiadores como Lucien Lebrve (1878–1956) e Jacques Le Goff (1924). Entre tantos estudiosos podemos

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ainda citar uma das contribuições consideradas de maior valor – a novelesca *À la Recherche Du Temps Perdu* de Marcel Proust (1871 – 1922).

Em meio à seara de pesquisadores sobre o assunto, é Maurice Halbwachs (1877–1945), sob a influência da sociologia durkheimiana, que vai defender a teoria psicossocial da memória, em que aponta as recordações como produto de uma interação social. O teórico francês desenvolveu a teoria em 1925 e a aplicou nas seguintes obras: *Les Cadres Sociaux de la Mémoire* (1925), *La Topographie Légendaire des Évangiles em Terre Sainte: Étude de Mémoire Colective* (1941) e *La Mémoire Colective* (1950), obra publicada após sua morte.

Em seu conceito de memória coletiva, o passado é recobrado no âmbito social, quer seja religioso, familiar, político ou qualquer outro grupo de socialização ao qual pertença o indivíduo. Para Halbwachs (2006):

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que só nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós uma certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p. 30)

Não podemos deixar de notar que esta concepção deixa margem para questionamentos, pois como ressalta Fentress e Wickham (1992) há uma excessiva sujeição do indivíduo ao coletivo, o que faz com que eles prefiram a designação memória social em detrimento da denominação halbwachiana. Contudo, apesar das controvérsias, as concepções de Halbwachs continuam sendo atuais em muitos aspectos, principalmente no tocante a que tanto a memória quanto a identidade são elementos que permitem manter sólidos os laços que unem as sociedades. Esse elo é fortificado pelas narrativas destas lembranças, é o passado que se ressignifica frente ao presente e ao futuro.

É exatamente a força que a memória estabelece sobre as narrativas que faz com que optemos por, neste trabalho, seguirmos aliando o sociológico ao literário, pois como afirma Agostinho (*Apud* SANTOS, 1998, p. 27): “Eu não poderia nem mesmo falar de montanhas ou ondas, rios ou estrelas, as quais são coisas que conheço apenas na evidência de outras, se não pudesse ver em meu olho mental, em minha memória”.

Na tentativa de unirmos os laços que esses fragmentos de lembranças do personagem tecem de forma misteriosa a narrativa – sendo a

aura de mistério o ponto forte da obra – buscaremos verificar como esse elemento se entrelaça com os acontecimentos e é evidenciado pela memória, buscaremos verificar como a simbologia de certos elementos do texto reforça e incentiva as lembranças do ecologista andarilho e amante da aventura.

### **3. *Gavião: o aventureiro e seu emaranhado de memórias***

As histórias são certamente compostas de passado, presente e um futuro que se instaura em seus protagonistas. Esta, por exemplo, é mais uma aventura de Gavião, iniciadas em “Um preço pela vida”, quando ele ainda era José Quinquinhas. No passado do Gavião está um piauiense que, por força da sobrevivência, vai em busca de oportunidades melhores no Amazonas. Esse fato de termos uma narrativa que se gerou de outra narrativa Todorov define como narrativas encaixantes, assim “Ser a narrativa de uma narrativa é o destino de toda narrativa que se realiza através do encaixe” (2003, p.126). É exatamente, nestes encaixes de narrativas, em que os fatos se ordenam pela memória que temos “Gavião Vaqueiro: o bom ladrão da floresta”.

Para Assis Brasil, “a peculiaridade desta narrativa é que ela foi, literalmente, sonhada por mim em todos os seus detalhes, só tive o trabalho de escrevê-la”<sup>217</sup>, a ecologia é uma paixão do escritor, não apenas em seus sonhos, como afirmou em um encontro com os alunos da 7ª turma do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal do Piauí, mas também em sua escrita. Para Benjamin (1994, p. 225): “Ela [a narrativa] mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”. Nesta obra podemos dizer que o narrador está impregnado pelas paixões do autor e nela vai moldando sua história de memórias e façanhas.

Neste contexto, a obra apresenta, já em suas primeiras linhas, a marca de um tempo que não obedece à cronologia dos acontecimentos, e sim ao tempo embaralhado da memória. Os fatos são chamados na história pela lembrança de um passado-presente.

---

<sup>217</sup> Entrevista disponível no sítio: <http://www.dombarroto.g12.br/arquivos/temporarios/Assis%20Brasil/chaveAmor.pdf>, acessado em 05/07/2009.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Havia dois motivos para eu voltar ao vale do Araguaia: uma visita prometida a dois índios, amigos meus, e a procura de um punhal, perdido na floresta quando de uma caçada a uma onça negra. Os motivos eram fortes, pois tanto os índios quanto a arma branca me tinham marcado num passado recente. (BRASIL, 2008, p. 11)

Percebe-se, pelo fragmento acima, que os motivos para a odisséia do Ulisses vaqueiro não decorrem do *agora*, mas de acontecimentos presentes em uma memória marcada pelo passado, segundo Kosseleck (2006, p. 310): “a experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados”.

A essa memória, a que recorre Gavião, Halbwachs (2006) chama de “pessoal”, “autobiográfica” de caráter restrito, apresentando ponto de vista parcial. O teórico defende que essa memória se distingue da “histórica” ou “social”, esta por sua vez expande-se por apresentar pontos de vista compartilhados socialmente, ao passo que a primeira se dá de forma interna e a segunda de forma externa, ligando-se uma a outra e sustentando-se mutuamente. Destarte, na evocação de seu passado as pessoas tendem a se transportar a outros pontos de referências externos. “Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente” (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Por sua vez, Michel de Certeau analisa a memória como um jogo de alterações que se dá no meio social e que não está pronta, mas se mobiliza na interação das práticas no cotidiano.

Os modos de rememoração é conforme ao modo da inscrição. Talvez a memória seja aliás apenas essa ‘rememoração’ ou chamamento pelo outro, cuja impressão se traçaria como em sobrecarga sobre um corpo há muito tempo alterado já mais sem o saber. Essa escritura originária e secreta ‘sairia’ aos poucos onde fosse atingida pelos toques. Seja como for, a memória é tocada pelas circunstâncias, como o piano ‘produz’ som ao toque das mãos. Ela é sentido do outro. E por isso ela se desenvolve também com a relação [...] (CERTEAU, 1994, 163)

O que se comprova na conversa de Gavião com seu Ananias:

- Caçada diferente dessa vez – eu disse – Vou atrás do meu punhal-estrela.
- Seu Ananias sabia da história, por isso, antes de eu perguntar por Kunle e Tury, ele me informou:
- Nunca mais vi aqueles índios seus amigos. Toda vez que eles iam a Cuiabá vender ou trocar alguma coisa, passavam por aqui. Mas tem mais de seis meses que não aparecem.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

– Tanto tempo assim, seu Ananias? Temo que tenha acontecido alguma coisa com eles.

– Pode ser... Aqueles jagunços... (BRASIL, op. cit. p. 24)

Constata-se, pelo diálogo, que o personagem monta um quebra-cabeça, ao tentar construir suas lembranças e expor o motivo de suas andanças. Sua memória se arquiteta em contato com o outro e a (re)significa, dotando-a da subjetividade do momento rememorado, como analisa Halbwich (2006, p. 39) essa reconstrução do passado “será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo”.

Nesse contexto, o senhor Ananias, homem do campo, fazendeiro e bom cozinheiro, é o elo entre o passado e o presente de Gavião. Com isso suas lembranças convergem e as reticências são permitidas no trecho: “- Pode ser... Aqueles jagunços...” por fazerem parte do mesmo mundo, dando-lhes ao mesmo tempo liberdade de expressão para os não-ditos e os atrelando ao compromisso de enfatizar e preencher os buracos da memória. Como também pode ser visto em: “- Seu Ananias, me diga uma coisa: como estava Kunle e Tury na última vez que os viu? - Bem, o velho estava mais velho, e a índia mais bonita – ele sorriu, mas estavam tristes [...]” (BRASIL, 2008, p. 25).

Sobre a importância da memória, para o indivíduo e para a sua história, Ecléa Bosi (2004, p. 19) nos diz que “O presente, entregue às suas incertezas e voltado apenas para o futuro imediato, seria uma prisão”. Se a possibilidade dessa transmutação temporal por meio da memória se apresenta como elemento de libertação, podemos ressaltar a grande importância dela para a imaginação presente na narrativa, propiciando diálogos como enfatiza Lima (1984, p. 7), pois um livro não inicia em sua primeira frase, pois “esta remete a constelações doutras, assim como constelações de vozes esquecidas, lembradas ou sequer ouvidas. Todo livro é o produto de múltiplos e dispersos diálogos, muitos dos quais o próprio autor ignora”.

Um diálogo muito claro que se estabelece na obra é com a situação econômica da região de Mato Grosso, espaço da narrativa. Além da temática ambiental, o autor se refere à economia e aos hábitos do lugar:

Preferi voltar sozinho, como da vez em que fui caçar, na mesma região, a canguçu que estava acabando com os bois dos fazendeiros de Mato Grosso. Fora um trabalho de encomenda e profissão, um dos mais perigosos de minha vida. (BRASIL, op. cit. p. 11)

Ou ainda: “Ele quer plantar soja por aqui. Acha que gente demais

está criando gado. O mês passado, vendeu quase todo o seu rebanho” (Idem, p. 25).

Por ser uma região de criação de gado, a profissão de vaqueiro é bastante exercida, porém, vem sendo substituída por outras atividades agroindustriais, como vimos nas falas relacionadas. Vale dizer, porém que é um diálogo literário e quanto ao verossímil no discurso literário, conforme evidencia Kristeva (*Apud* MENDONÇA; NEVES, 1972, p. 48): “[...] a verdade seria um discurso que se assemelharia ao real; o verossímil, sem ser verdadeiro, seria o discurso que se assemelha ao discurso que se assemelha ao real”. Dessa forma, o Araguaia, retratado nas páginas da narrativa assisiana, pertence ao mundo literário e aos mistérios traçados pela mão do autor, que ao se remeter aos acontecimentos da região aciona a memória histórica (HALBWACHS, 2006) recorrente à memória do país e seu desenvolvimento agrário.

No cenário da narrativa, neste ambiente rural, o rio desempenha um importante papel na construção de sentido da narrativa. Para analisarmos esse elemento nos reportaremos a Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 780) os quais afirmam que: “O simbolismo do rio e do fluir de suas águas é, ao mesmo tempo, o da possibilidade universal e o da fluidez das formas, o da fertilidade, da morte e da renovação”. Assim, como a memória, com o esquecimento mata e com a lembrança reaviva, ressuscita, não só o que se tem consciência como o que está muitas vezes preso nas amarras do inconsciente, haja vista que “O papel da consciência é ligar com o fio da memória as apreensões instantâneas do real.” (BOSI, 2004, p. 52).

Podemos observar, dessa maneira, a simbologia da renovação dos dois elementos no fragmento a seguir, em que Gavião tenta unir os dois extremos de uma mesma linha: presente e passado de sua vida.

Então eu estava de volta ao Araguaia, às belas margens do rio, esperando rever a bela índia mestiça Tury e seu avô, Kunle, uns kaiapós donos de pequena fazenda naquele vale. E o caso do punhal, chamado de punhal-estrela pelo ferreiro que o forjou de um meteorito em Cuiabá, estava ligado aos dois índios [...] (BRASIL, 2008, p. 12)

Ao avaliarmos o Araguaia para o Gavião, na escrita poética de Assis, podemos fazer um paralelo com o rio Lete, apresentado na mitologia grega, que, de acordo com Weinrich (2001), corresponde a uma divindade feminina que tinha em seu contrário a Mne-mosyne, deusa que representa a memória, enquanto temos no rio o esquecimento, em suas margens – a memória. E Gavião transita, como todo indivíduo por esses

dois terrenos na sua busca pelo amor e pela coragem e força: Tury e o punhal-estrela.

O instrumento de ofício de Gavião: o “punhal-estrela” apresenta, em nossa leitura, uma conotação importante para evidenciar as características do vaqueiro na narrativa. Certos de sua relevância, o analisaremos conforme a atividade interpretativa em que Barthes (1992, p. 47) propõe como “texto estrelado”, em que “O significante de apoio será recortado em uma sequência de curtos fragmentos contíguos, que aqui chamaremos de lexia, já que são unidades de leituras”.

Usaremos, para avaliar o valor simbólico do instrumento, novamente as idéias de Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 414) ao afirmarem que: “[...] o simbolismo geral dos instrumentos cortantes, [...] é o princípio ativo modificando a matéria passiva”. E de Lexikon (2002, p. 93): “Por ser um instrumento de trabalho afiado, como a tesoura, a faca é o símbolo do princípio masculino ativo, que molda a matéria feminina passiva”.

Nessa perspectiva, é um instrumento que enfatiza uma das principais características do personagem: gosto pelas aventuras, pelo trabalho e pelo servir, que, mesmo quando se refere a sua vontade de parar, ele o faz como a um sonho, além de a passividade não estar ligada a ele e sim à figura feminina – Tury, como nos mostra este fragmento: “– Gostaria de viver num canto sossegado, perto da natureza, vivendo da natureza, sendo parte dela. A bela Tury me acena com esse sonho.” (BRASIL, *op. cit.* p. 15). Assim, nas suas lembranças estão Tury e a passividade, em seu presente, o seu ofício e o desejo de correr os campos.

E quando conjectura parar com suas atividades de vaqueiro aventureiro é questionado pelo companheiro Doutor Quizila:

– Mas ainda não pode ser. Não é mesmo, Gavião Vaqueiro? Não é bem pelo espírito aventureiro, que é forte em você, mas por outro tipo de sentimento: o de servir, o de ser útil. Sei que a servidão humana é bem marcada em você. (*Id., ibid.*, p. 15)

Esse altruísmo do personagem pode ser explicado pela especificidade dada ao punhal: “Estrela”. As estrelas, conforme Lexikon (2002, p. 91): “Simbolizam a luz espiritual que atravessa as trevas”, já para Chevalier e Gheerbrant (2009):

Seu caráter celeste faz com [...] que sejam também símbolos do espírito e, particularmente, do conflito entre as forças espirituais (ou de luz) e as forças materiais (ou de trevas). As estrelas traspassam a obscuridade;

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

são faróis projetados na noite do inconsciente. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 404)

Luminosidade que se traduz na obra como a forma com que ele conduz suas ações para ajudar as pessoas, primeiramente o fazendeiro pelo qual foi contratado para matar a onça e depois na fazenda de Kunle e Tury com os afazeres da propriedade.

É exatamente essa sensação de responsabilidade com o outro e suas lembranças aventureiras que o fazem repensar quanto a abandonar seu ofício errante:

Esse tinha sido, por algum tempo, o meu dilema: ficar na fazenda do velho índio, sossegar ali, trabalhar, gostar de Tury, sem muitas viagens e aventuras. Já teria esse direito? Era ainda jovem, cheio de vigor e curiosidade pelo mundo, mas queria viver num lugar como aquele, calmo, sem tanta turbulência. Sem o rosar de dentes da vida. (BRASIL, *op. cit.* p. 15)

E, mesmo no momento em que pensa parar, reflete em como poderia ajudar o velho Kunle a melhorar suas atividades. Temos, nesse exerto, a ligação da memória ao tempo da juventude, o que o fazia se questionar se poderia viver de lembranças, pois absorto nos paradigmas de que a passividade e as lembranças estariam nos tempos dos velhos, como discute Ecléa Bosi (2002), atrela-se memória ao corpo, ou melhor, é como se o corpo fosse o próprio lugar do tempo e da memória. Dessa forma, Gavião reluta contra a idéia de trocar as aventuras pela memória destas, pois a juventude ainda estava a seu favor.

Vale ressaltar que, mesmo ficando marcante a força da figura masculina em Gavião Vaqueiro, e como ela age na construção das ações do personagem, sua memória faz alusão a sua incompletude quando traz a figura de Tury e o que ela representa para ele:

[...] E quando me lembrava de Tury, também me lembrava do sentimento por ela, que compartilhava comigo perigo e refeição, carinho e respeito. E outras palavras gravadas naquele momento, me vinham à mente e ao coração: por isso o amor é feliz, quando duas pessoas se rendem mutuamente. E tal sentimento tão bom, é sua própria recompensa. Assim, Tury sem se rebaixar ou se humilhar, estava sempre se inclinando para mim, como haste de planta se inclina para sustentar flor. (BRASIL, *op. cit.* p. 16)

Nesse momento podemos constatar o personagem deixando a sua posição ativa para se colocar de forma passiva ao se referir como uma *flor* que é um “símbolo do princípio passivo [...], a imagem das virtudes da alma” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 437). Seria o amor

deixando-o em uma posição não mais de superioridade, mas um sentimento que faz uma alternância de poder entre eles. Ela nesse instante é *haste* que sustenta a *flor*. A força, o equilíbrio; ele, a delicadeza.

O certo é que essas reflexões afloram em sua mente, influenciadas pela lembrança da morte, fazendo-o pensar em voltar e procurar Tury.

Memórias não muito antigas, mas fortes, pois daquela vez quase morri esfaqueado pela onça. Se não fosse por Kunle e Tury – os dois, na realidade, me tinham salvo a vida quando, após eu matar a canguçu, em uma luta corporal e com o punhal-estrela, fiquei desacordado e quase morto. (BRASIL, *op. cit.*, p. 14)

Ou ainda,

[...] eu vinha adiando tal coisa há muito tempo. Mas depois da caçada à onça canguçu, quando vi a morte de bem perto, passei a pensar mais continuamente no assunto: largar as viagens, e ficar só num lugar, esperando pela velhice chegar. (*Id.*, *ibid.*, p. 19-20)

Nesse sentido nos diz Edgar Morin (1997) que a morte é:

[...] à primeira vista, uma espécie de vida, que prolonga, de um modo ou de outro, a vida individual. Ela é, de acordo com essa perspectiva, não uma “idéia”, e sim uma “imagem”. [...] Se, como um estado a morte é assimilada à vida, já que cheia de metáforas de vida, quando acontece, ela é percebida justamente como uma mudança de estado, um “algo” que modifica a ordem normal da vida. (MORIN, 1997, p. 26)

Essa possibilidade de mudança na ordem normal da vida, apontada por Morin, que não acontece pela morte, mas pela quase-morte, faz com que Gavião busque uma nova ordem para vida depois de sua experiência de encontro com a morte. A memória desse fato o provoca para uma mudança no rumo de suas vivências, “para Benjamin a memória é crítica, é afetiva: ela articula sempre, por um ato de vontade, elementos voluntários e involuntários” (GALZERANI, 1997, p. 103). Voluntariamente, o personagem não pensou em abandonar sua vida agitada e aventureira, contudo, involuntariamente, as lembranças da quase-morte, e tudo o que ela representava, convidavam-o para uma vida pacata. Gagnebin (2006, p. 55) explica que o ato de recordar não consiste somente em repetir aquilo que se lembra, mas se abre aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalçado, para dizer, utilizando-se de hesitações, solavancos e incompletude, o que não teve direito nem à lembrança nem às palavras. Neste caso, o medo e a vontade de parar, pois apenas “bons sentimentos nunca bastam para reparar o passado” (*Idem*, p. 52).

Nesta conjuntura, a forma que esse acontecimento rápido faz com

que ele tome uma decisão tão importante em sua vida é explicada por Halbwachs (2006) quando aponta:

Há horas mortas, dias vazios, enquanto em outros momentos os eventos precipitam seja porque nossa reflexão se acelera, ou porque estivéssemos em estado de exaltação e efervescência afetiva, temos a impressão de viver anos em algumas horas ou alguns dias. (HALBWACHS, 2006, p. 116)

Com isso, a situação desfavorável em que Gavião, para solucionar um problema para o qual foi designado, ao duelar com a onça, por alguns intermináveis minutos, e vencer a morte, faz com que repense a sua vida. Em uma atividade reflexiva, minutos o levam a discutir interiormente decisões que modificarão não apenas seu ofício, mas toda a sua dinâmica de vida. Benjamin (1994, p. 208) nota que a morte dá autoridade ao narrador, por isso podemos dizer que a lembrança da luta com a canguçu<sup>218</sup> é um momento crucial para o desenrolar da narrativa.

Logo, o tempo da memória não é cronológico, pois não obedece à linearidade das horas e sim carregado de sentimento das eras dos mistérios, das emoções. *Gavião Vaqueiro: o bom ladrão da floresta* é uma narrativa carregada de mistérios, situações que incitam o medo do personagem e hesitação do leitor. Estando muito presente a recorrência da explicação dos acontecimentos apelando-se para forças sobrenaturais.

Hesitação evocada pelo emaranhado de mistérios que se sucedem, quando ao cair da noite, Gavião se vê perdido na floresta, em situação desconhecida, a memória deixa de ser, por esses instantes, a sua companheira e a novidade o coloca em posição incômoda. “Eu já tinha passado por muitos apertos na floresta, mas este parecia ter um componente de mistério. Na verdade nunca enfrentara uma chuva branca, só ouvira falar” (BRASIL, 2008, p. 31).

Nesse caso, a memória coletiva parece dar lugar ao novo, ao estranhamento, não o incluía. Nesse momento, o fato inusitado não pertencia a memória individual e o que ele só tinha conhecimento pelas narrativas alheias e não pelas suas vivências o incomodava.

O fragmento acima traz um elemento importante para a nossa compreensão do texto: a chuva branca. Se tomarmos a ideia do sentido de “chuva” tanto para Lexikon (2002) quanto para Chevalier e Gheer-

---

<sup>218</sup> Canguçu – uma das denominações para onça-pintada.

brant (2009) teremos a simbologia da influência das forças celestiais sobre a terra, já o “branco” intensifica a espiritualidade contida no enredar dos fatos.

Contribuindo para a hesitação propiciada pela história. Quando o personagem começa a ser ajudado por algo ou alguém que não se identifica, essa ajuda faz com que Gavião perca uma das principais características do herói: A coragem. “Ao pensar nisso, fiquei todo arrepiado. Mistura de medo e alegria tomava conta de mim. Quem poderia estar fazendo isso? E por que não aparecia? [...] A natureza, por ali, estava muito estranha, ventos, neblina, relâmpagos.” (BRASIL, 2008, p. 48). O que não era familiar, o que fugia à memória e não pertencia ao esquecido gerava medo, que, contraditoriamente, juntava-se à alegria de receber ajuda nesse momento de *aperto* do Gavião.

O medo do personagem é freqüente na história e o faz recorrer a forças e rituais espirituais, ou seja, sobrenaturais:

Doutor Quizila me ensinara a rezar. Na aflição a gente sempre pede as coisas a Deus, mas nunca agradece se não tiver recebido antes. Estranho, mas nunca agradece se não tiver recebido algo antes. Estranho, mas sempre me envergonhei dessa atitude humana. Agradecer a Deus pelo dom da vida.

[...]

Além da aflição normal em que me encontrava, agora meus pensamentos estavam mais vivos e tumultuados, como se eles próprios fizessem parte daquele pesadelo. Alguns índios acreditam num espírito-camarada, que acompanha as pessoas para todos os cantos. É uma espécie de anjo-da-guarda.

– “Meu espírito-camarada está se revelando agora” – pensei, não muito convicto.

Ajoelhei-me e me curvei sobre mim mesmo e rezei um Pai-Nosso, a oração que Jesus ensinou aos apóstolos. (*Id., ibid.* p. 48-9)

Esse clima de medo e apreensão intensificado pelos referentes dos elementos da natureza, como raios, trovões, sugere ao leitor um clima de terror e para “vencê-los” o personagem busca forças em um ente espiritual – Deus, e no que segundo Bergson citado por Bosi (2004) denomina *memória-hábito*, ou seja, “o corpo guarda esquemas de comportamento que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas” (BOSI, 2004, p. 38). Essa memória é a dos mecanismos motores, como fica evidenciado em: “Ajoelhei-me e me curvei sobre mim mesmo e rezei um Pai-Nosso, a oração que Jesus ensinou aos apóstolos”. Gavião faz aí uma viagem mais retroativa que as lembranças do amigo e de seus ensinamentos, vai à própria origem do cristianismo, em um hábito que vem

sendo perpetuado por gerações há milênios. Podemos observar, nesse momento de angústia do vaqueiro aventureiro, a convergência das crenças pagãs e cristãs, no intuito de dar alento e justificativa a ações que ele não sabia explicar.

Com base nessa idéia, podemos compreender o fato de Gavião, por não saber quem o estava ajudando, se referir ao desconhecido como “espírito-camarada”, que ao mesmo tempo em que o assustava, também o auxiliava naquela situação sombria. Porém, mesmo se referindo às crenças desses indígenas, caracterizados como um povo pagão, mantém sua crença em um Deus, apresentado de forma cristã na narrativa, ou seja, suas crenças não haviam sido alteradas pela sua vivência em meio à floresta.

O ritual de se ajoelhar e em oração solicitar força e coragem para a passagem nessa viagem apavorante, reforça ainda mais os elementos espirituais presentes na subjetividade do personagem, acionando a *memória-sonho* (BOSI, 2004), num processo internalizado de busca através do divino para solucionar problemas humanos.

Sobre isso Lima (1984) analisa dizendo que:

A subjetividade individual exige que a sabedoria divina explique por que, assim monádica e privatizada, é capaz de conhecer o universal. Ou seja, o universal agora se interioriza e, tornando o indivíduo um múltiplo e potencial espelho, converte sua mediação com o divino em um jogo também internalizado. (LIMA, 1984, p. 76)

Nesse jogo de procura por soluções e auxílio, como o que foi exposto sobre a temática do sobrenatural, percebemos que se determina – preponderante no ponto crucial da narrativa – o momento em que, perdido e cansado, Gavião se vê em perigo e, posteriormente, ajudado por um ser misterioso que não fazia parte dos buracos de sua memória e sim do desconhecido, sendo que os primeiros podem ser reativados, preenchidos, são familiares e os segundos deixam, em sua existência, o suspense do vir a conhecer.

Esse desconhecido é revelado ao leitor e a Gavião quando o autor amarra o nó final da sua narrativa, revelando o *bom ladrão da floresta*, o ser que suscitava medo e hesitação.

Era o macaquinho, conhecido na floresta, por gostar de guardar coisas, pedrinhas, coquinhos – o que encontrasse e achasse interessante levava para a sua caverna.

O índio Kunle tinha me falado nele, quando me queixei da perda de meu punhal-estrela, mas nada me dissera sobre o muriqui ajudar os caça-

dores perdidos na floresta ou em perigo. E eu sabia, podia sentir agora, que fora aquele simpático muriqui que me ajudara – logo mais, lá dentro da gruta eu comprovaria o ato. (BRASIL, *op. cit.* p. 92-3)

Segundo Ricoeur (1994, p. 22): “[...] toda narrativa explica-se por si mesma, no sentido de que contar o que aconteceu já é explicar porque isso aconteceu”, assim o faz Assis trazendo o muriqui, que já no início da história é citado por seu Ananias e recobrado pela memória do Gavião, o seu desconhecido não era assim tão estranho e a explicação se dá como marca o aventureiro em uma das suas lembranças do Doutor Quizila porque “*Para tudo há um tempo determinado*”.

#### **4. Amarras finais**

A conjunção de elementos que utilizamos neste trabalho permitiu observar que *Gavião Vaqueiro: o bom ladrão da floresta*, é uma obra que tem como fio condutor da narrativa as memórias do personagem e a importância dos elementos da natureza para a interpretação da temática abordada na obra: Relação – Homem X Natureza X Homem. Uma história enredada numa narrativa misteriosa.

Concentramo-nos na análise da memória e dos elementos que se apresentavam como misteriosos, o que nos levou à constatação que Gavião se apoiou em suas memórias e na memória coletiva para dar sentido e suporte a sua viagem e seu encontro com o misterioso espírito-camarada.

Em sua caçada em busca do instrumento de trabalho e luta e da índia que lhe acenava com sentimentos amorosos, essa aventura só o faz conseguir reaver o punhal-estrela, ficando o reencontro com Tury e, conseqüentemente, com o amor e o sossego que ela lhe sugeria para a próxima aventura. Assis, estamos esperando! Enquanto isso ela vai ficando na memória, de Gavião e do leitor, até se concretizar no presente de mais uma narrativa.

Ressaltamos ainda que, nesta análise, enfatizamos a memória como objeto de estudo, entretanto ainda há margens para muitos outros olhares e leituras que percorram outros caminhos, pois a obra é uma rica fonte para trabalhos, principalmente no tocante à semiologia narrativa e à linguística.

Optamos por não marcar que a obra é indicada para o público de literatura infanto-juvenil, por considerar que a narrativa, tanto pela temá-

tica, quanto pelo enredo e a linguagem utilizada por Assis, derruba as fronteiras da classificação etária para indicação de obras literárias, com isso corroboramos com a afirmação do escritor ao julgar “Gavião Vaqueiro: O bom ladrão da floresta” uma das suas melhores narrativas, uma obra para jovens de todas as idades.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *S/Z*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. de Sérgio Paul Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade – Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê, 2004.
- BRASIL, Francisco de Assis Almeida. *Gavião Vaqueiro: O bom ladrão da floresta*. Teresina: Nova Aliança, 2008.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olímpio 2009.
- FENTRESS, I.; WICKHAM, C. *Memória Social*. Lisboa: Teorema, 1992.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Percepções culturais do mundo da escola: em busca da rememoração. In: *Anais do III Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História*. São Paulo: 15 a 17/09/1997.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Puc-Rio, 2006.
- LEXIKON, Heder. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Cultrix, 2002.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

LIMA, Luis Costa. *O controle do imaginário: razão e imaginação no ocidente*. São Paulo: Brasiliense S. A., 1984.

MENDONÇA, Antônio Sérgio; NEVES, Luis Felipe Baeta. *Literatura e Semiologia: pesquisas semiológicas*. Petrópolis: Vozes, 1972.

MORIN, Edgar. *O homem e a Morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus, 1994.

SANTOS, Miriam Sepúlveda dos. *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo, Annablume, 1998.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

WEINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.